

## A RENÚNCIA IMPOSSÍVEL DA UTOPIA EM AGOSTINHO NETO

Edson Flávio Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Na perspectiva de analisar o papel social da obra de Agostinho Neto, selecionamos para esta análise parte da produção poética do poeta angolano presente na obra *A Renúncia Impossível*. Traçamos nossas leituras tendo como ponto de partida teórico as colocações presentes nas obras *Literatura e Sociedade* (2000), de Antonio Candido, *Vôos e Ilhas* (2003), de Benjamin Abdala Junior e *Princípio Esperança* (2005), de Ernst Bloch e das reflexões advindas de outros estudiosos da área da Literatura Africana de Língua Portuguesa. A obra em questão foi publicada oito anos após a morte de Agostinho Neto e os poemas continuam, de certa forma, as aspirações e temas predominantes no consagrado livro *Sagrada Esperança* (1974) e também em *Poemas* (1961).

**Palavras-Chave:** Agostinho Neto; Angola; Utopia.

**Abstract:** With a view to analyze the social role of Agostinho Neto literature, selected for this analysis of the poetic production of the Angolan poet present in *The Impossible Renunciation*. We conduct our readings with theoretical starting point the settings present in *Literature and Society* (2000), Antonio Candido, *Flights and Islands* (2003), Benjamin Abdala Junior and *Principle Hope* (2005), Ernst Bloch and reflections arising from other scholars in the field of African Literature of Portuguese. The work in question was published eight years after the death of Agostinho Neto and poems continue, in a way, the aspirations and predominant themes in the book devoted *Sacred Hope* (1974) and also in *Poems* (1961).

**Keywords:** Agostinho Neto; Angola; Utopia

*A Renúncia Impossível*<sup>2</sup>, livro do angolano Agostinho Neto, foi publicado postumamente em 1987; a edição que tivemos acesso para estabelecer as presentes análises faz parte do Volume 7 da Coleção “Escritores

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL/Unemat, bolsista Fapemat, sob orientação do Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior e co-orientação da Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Maquêa.

<sup>2</sup> Nas citações utilizarei a sigla ARI para designar esta obra.



dos Países de Língua Portuguesa”, impresso pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa. A obra figura entre a parca produção poética de Neto, constituída por apenas três livros.

Ainda jovem, quando escrevera seus primeiros poemas, Agostinho Neto não sabia que o futuro lhe reservava a liderança do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) e tão pouco a presidência de seu país.

O regime salazarista negava-se em conceder a independência aos países africanos que viviam sob seu domínio, porém os ares revolucionários desprendidos das duas grandes guerras mundiais e o despertar das consciências para a barbárie que a humanidade experimentou se faziam ecoar nos países que, como Angola viviam sob a sombra do colonizador Europeu.

Nesse contexto levanta-se o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA) que através da Revista *Mensagem* vai revelar ao mundo, via produção literária, os anseios, as contestações do povo Angolano, na voz dos “novos intelectuais de Angola”, também conhecidos como Geração de 50. Entre eles, figuravam Viriato da Cruz, Antonio Jacinto e Agostinho Neto que propagavam o lema: “Vamos descobrir Angola!”.

Neto, a esta altura, já encontrava-se em Lisboa cursando Medicina e participando das atividades da Casa dos Estudantes do Império (CEI). Além disso, juntamente com Amílcar Cabral, José Francisco Tenreiro e outros que fundaram o Centro de estudos Africanos, que passa a funcionar clandestinamente, sendo fechado pelo governo fascista em 1964, porém seus membros continuaram suas atividades no seio da CEI que também foi fechada anos mais tarde.

Vemos então que Agostinho Neto experimenta desde a juventude suas inclinações para revolução e coloca todo seu vigor em um empreendimento político e social que em 1975, juntamente com a participação de tantos outros,



irá culminar com a independência de Angola e sendo Agostinho Neto o seu primeiro presidente.

Toda essa exposição faz-se necessária para entendermos que, a poesia produzida por Neto não pode ser desvinculada desses acontecimentos, embora sobreviva como obra de arte, as análises aqui propostas, pretendem iluminar os versos do poeta angolano sob o viés da função social da arte e do papel do escritor nesse processo de libertação do país.

Parte do nosso referencial teórico tem como base os escritos postulados por Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2000) e do Prof. Benjamim Abdala em *Vôos e Ilhas* (2003) e Ernst Bloch na obra *Princípio Esperança* (2005) onde encontramos ressonâncias da nossa proposição que é pensar a poesia de Neto como expressão das realidades e das vontades coletivas, sem perder de vista o seu *locus* enunciativo<sup>3</sup>.

Os poemas que compõem a obra *A Renúncia Impossível* foram coletados de diversas épocas, alguns publicados esparsamente, porém nunca formatados num todo como hora estão apresentados.

Alguns foram escritos antes da publicação de *Sagrada Esperança*, seu livro mais conhecido, e carregam a mesma força conteudística, principalmente quando diz respeito a libertação e tomada de consciência da dura realidade que foram submetidos os países que viviam sob o domínio do colonizador, confirma-se nos versos de “EU-MISTÉRIO”:

Sou um mistério.

Vivo as mil mortes  
que todos os dias  
morro

---

<sup>3</sup> Conforme reflexões postas em “Literatura Comparada & Relações Comunitárias, hoje” de Benjamin Abdala Junior, 2012.



fatalmente. (ARI, p. 35)

Datado de 1947, os versos podem ser tomados como clara alusão à cruel realidade angolana e suas relações com Portugal durante o regime de Salazar. Ainda que o título do poema possa nos levar a uma interpretação individualista, presença do pronome pessoal do caso reto “eu”, tem o papel de marcar a participação ativa do autor no processo histórico do qual Angola e seus “camaradas” estavam submetidos, pois como nos afirma Antonio Candido (2000, p. 74) “o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, [...] mas alguém desempenhando um papel social” e esse papel social é o de traduzir os sentimentos partilhados por uma comunidade real.

De acordo com VERANI (2000, p. 52) na poesia desse autor encontramos “a intenção condutora, poderíamos dizer pedagógica, do poeta: consciente da sua possibilidade de liderança, uma vez que percebe, antes de tantos outros, as raízes históricas que definem a face da submissão ou alienação dos povos africanos”.

Neto fala em nome de todos, seu papel de poeta e de “novo intelectual de Angola” é trazer à tona os problemas, criticar o regime, expressar sua opinião e também a sua dor. Externá-los ao mundo e aos angolanos, que ainda não se deram conta da real situação a qual estão submetidos.

As relações escravagistas feriram profundamente a história de Angola. Desde o comércio de escravos, que eram levados para outras colônias Portuguesas, até a instituição do trabalho forçado, nas fazendas, que vigorou por quase um século. Segundo Visentini (2012), a legislação regia que aqueles que não tivessem ocupação poderiam submeter-se a contratos de trabalho compulsório.



Essas relações degradantes servem de topos poético para vários autores africanos. Em Agostinho Neto, o tema serve para a elaboração de versos fortes como os que veremos a seguir.

Por todo o mundo  
o meu corpo retalhado  
foi espalhado aos pedaços  
em explosões de ódio  
e ambição  
e cobiça de glória.

Perto e longe  
continuam massacrando-me a carne  
sempre viva e crente  
no raiar dum dia  
que há séculos espero. (ARI, p. 35)

A sonorização do verso alude ao canto forte, à palavra dura, à frase certa. As imagens do corpo retalhado e espalhado aos pedaços tem estreita relação com a divisão das colônias africanas e com o tráfico negroiro.

Uma escravidão que não acabou. Os negros espalhados pelo mundo ainda sofrem discriminação, descasos e abandono. A poesia é mais atual do que nunca. O poeta é o próprio continente africano que reclama pelas violências sofridas em troca de “ambição/ e cobiça e glória”.

Porém, não há desespero. O que há é numa esperança desesperada de que haverá uma saída, um fim para todo o sofrimento. Uma nova aurora, um novo tempo, uma nova realidade. Há uma crença, mesmo que a carne continue sendo massacrada, e essa esperança é,

sempre viva e crente  
no raiar dum dia  
que há séculos espero



Um dia  
que não seja angústia  
nem morte  
nem já esperança.

Dia  
dum eu-realidade. (ARI, p. 35)

Uma crença que é comunicada por Agostinho Neto. Sua utopia. Seu bom lugar. Uma nova Angola. A nação que se quer independente, que se quer liberta de todo jugo explorador de Portugal. Nesse sentido a poesia do autor irá funcionar como guia das consciências para que se chegue a esse “dia que não seja angústia/nem morte/nem já esperança”, mas realidade.

Ainda que a poesia não seja definida como ficção, acredito que a produção poética de Neto pode ser analisada pelo seguinte viés:

Ideologicamente os textos ficcionais procuram tecer a manhã da libertação nacional e para tanto, vão pouco a pouco construindo um espaço imaginário onde Angola emerge não como uma terra idílica a qual metaforicamente o sujeito poético deseja retornar [...] mas como um espaço dilacerado, à espera de uma reconstrução.” (PADILHA, 2007, p. 169)

É desse modo que percebo os versos finais de “EU-MISTÉRIO” em comunicação com outros poemas não só de Agostinho Neto, mas de vários outros poetas africanos. Suas obras são matizadas por essa intenção como percebemos na última estrofe do poema “SINTO NA MINHA VOZ...”

De que o amanhã  
Não será só Ilusão. (ARI, p. 41)

A poesia seria uma ilusão? Esse amanhã virá?

É preciso reconhecer legitimidade nos textos de Agostinho Neto, como literatura empenhada<sup>4</sup> que desempenha seu papel “no estabelecimento de

---

<sup>4</sup> Conforme Antonio Candido (2000, p. 55)



relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade.” (CANDIDO, 2000, p.46). Essa sociedade da qual o autor é participante e combatente. Lutando, também, com as palavras junto aos demais angolanos para a reconstrução da nação.

A palavra “Ilusão” grafada em maiúscula num recurso recorrente do autor denota a sua importância expressiva e semântica. Pois o processo de luta não é algo irreal, mas acontece verdadeiramente todos os dias. Não só Angola vê-se nesse autorretrato, mas todos os países africanos que se encontram mergulhados na mesma realidade social e racial. A voz poética guia a todos para a proposta de libertação e superação dos sofrimentos, dos medos, dos traumas.

Há um reconhecimento mútuo que é fortalecido graças à experiência de vida do autor junto a sua comunidade. Há uma vivência coletiva e essa coletividade, quando se vê representada nas vozes dos poemas, reflete sobre si, sobre o outro, sobre o presente, o passado e o futuro. Daí a autorização do poeta em falar desse lugar, desse povo, como representante dele.

Essa coletividade é muito forte na maioria dos textos de Neto. Não há voz singular, é sempre plural. A experiência parte do particular, mas irradia e se alia a outras experiências como podemos ver nos versos de “VOZ DE SANGUE”:

Ó negro da África  
negros de todo o mundo

eu junto  
ao vosso magnífico canto  
a minha pobre voz  
os meus humildes ritmos. (ARI, p. 39)



O poema revela a face fraterna e solidária do autor. Expressões do tipo “Eu vos acompanho”, “Eu vos sinto” e “meus irmãos” contabilizam no texto os momentos onde o poeta amalgama-se ao seu povo.

Os versos tem uma nota saudosista. A história de Neto explica esse sentimento. Mudou-se ainda jovem para Portugal e estando preso por diversas vezes em diferentes lugares, fez com que ele não acompanhasse, em solo Angolano, o dia-a-dia da luta de seu povo. Seus textos, a meu ver, nesse sentido irão funcionar como uma “*mea culpa*” pela sua ausência, como notamos nos versos:

Eu vos acompanho  
pelas emaranhadas áfricas  
do nosso Rumo.

Eu vos sinto  
negros de todo mundo  
eu vivo a nossa história  
meus irmãos. (ARI, p. 39)

Percebemos, no poema, elementos que importam, de sobremaneira aos interesses do movimento cultural do qual Agostinho Neto fazia parte. O MNIA, sendo “a voz dos naturais de Angola” não podia pensar em cultura, e por consequência, a literatura, sem pensar na oralidade e nos gestos e danças.

Sendo assim, não se pode pensar a poesia sem pensar nessa oralidade e nesses gestos, pois são eles que irão preencher toda a cadência dos ritmos e de alguns temas. Abordar esses temas e trazer para dentro dos poemas essas imagens será uma forma de resistência cultural dos militantes do movimento.

Por isso concordamos com Padilha (2007, p. 26) quando diz que “O produtor textual tem plena consciência de que é preciso resgatar a tradição da oralidade, fonte emanadora da consciência de que é preciso gestualizar o texto, griotizá-lo, para que ele possa gritar a alteridade de sua voz”.



Voltamos à questão da identificação/adesão do coletivo/público ao texto. Essa recorrência temática e, por que não dizer, crítica de nossa parte é importante, pois a nosso ver ela é a responsável pela permanência ou não da obra e do autor, como diz Antonio Candido (2000, p. 38) “o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza”.

Para que essa identificação aconteça são necessários vários fatores. Um deles, o primordial, é articulação estética do tema. Sendo o poema, por excelência, carregado de imagens e sensações o autor irá utilizar-se frutuosa e delas como forma de plasmar nas estruturas do texto a suas intenções de guia consciente.

A quiçá disso temos o poema “COM OS OLHOS SECOS”

Com os olhos secos  
— estrela de brilho inevitável  
através do corpo através do espírito  
sobre os corpos inânimes dos mortos  
sobre a solidão das vontades inertes  
nós voltamos

Nós estamos regressando África  
e todo o mundo estará presente  
no super-batuque festivo  
sob as sombras do Maiombe  
no carnaval grandioso  
pelo Bailundo pela Lunda

Com os olhos secos  
contra este medo da nossa África  
que herdámos dos massacres e mentiras

Nós voltamos África  
estrelas de brilho irresistível  
com a liberdade escrita nos olhos secos  
LIBERDADE (ARI, p. 55)



Mais uma vez a confissão de uma comunhão racial e cultural entre todos os povos africanos, reiterada pelos sintagmas “nós voltamos” e “nós estamos”. Expresso também no amor pátrio e melhor dizendo mátrio (mãe África) e por analogia um amor fraterno-universal.

Nesse ponto a poesia de Neto liga-se novamente aos poetas que, como ele, são conscientes da alienação que o povo angolano sofre, e partindo de suas experiências pessoais, toma sua poesia como porta-voz da vontade e do desejo de um tempo de esperança.

Mais que criar imagens, o autor se propõe a restaurar o sentimento de pertencimento que sucumbiu sob o domínio do colonizador. O poema propõe uma grande festa com “super-batuque festivo” uma festa onde todos estarão presentes: mortos e vivos.

Nesse momento do poema o autor nos credencia a afirmarmos que seu programa estético é consistente o bastante e encontra-se ancorado numa crença-ideológica que o autoriza a usar sua poesia para conscientizar e orientar seus leitores (VERANI, 2000, p. 49), parte desse processo de elaboração estética pode ser observado na expressão “olhos secos” e que aparece em outros poemas do autor.<sup>5</sup>

A força antagônica do texto repousa sobre essa imagem. Efeito sinestésico que nos remete à secura, ausência de liquidez. É profundamente irritante essa sensação. Impossibilita a visão, o desconforto que aumenta a cada movimento de pálpebra.

Outra imagem possível é dos olhos enxutos, sem as lágrimas que os lavaram durante as lutas travadas pela independência do país. Os olhos antes umedecidos pelo pranto agora estão secos. Não há nada que atrapalhe a visão

---

<sup>5</sup> A expressão também aparece nos poemas “Criar” e “O choro de África” do livro de Agostinho Neto – Sagrada Esperança (1974)



do futuro. São com esses olhos secos, resistentes a dor, que reluz a “estrela de brilho inevitável e irresistível” e são nesses mesmos olhos secos que se verá escrita a presentificação do desejo.

Nós voltamos África  
estrelas de brilho irresistível  
com a liberdade escrita nos olhos secos  
— LIBERDADE (ARI, p. 55)

Esse projeto estético-libertário nos faz perceber, como postula Abdala Junior (2003, p. 31), “uma forma poética de fazer desejar. [...] como práxis de escritores que dirigiram a energia poético-utópica para o reino da liberdade”.

Essa forma de desejo é o imperativo da manifestação da vontade individual que faz coletiva, com “os olhos secos” que também podem ser entendidos como desanuviados pelas lágrimas de outrora agora são olhos abertos. Atentos ao porvir, fixos no horizonte que se descortina pelo viés da utopia. Aqui no poema a desfraldada: LIBERDADE.

Diante disso, podemos assinalar que a obra de Agostinho Neto pertence a uma forma peculiar de poesia, em que a principal preocupação do poeta é instigar, pelo verso, a prática revolucionária, capaz de gerar transformações através do desejo utópico de mudança, que retira o indivíduo da passividade contemplativa e coloca-o em marcha num otimismo militante<sup>6</sup>. Essa utopia possível se coloca em movimento e se abre na perspectiva de mudanças de curso.

O poeta vive uma consciência *antecipante*. Uma poesia que se realiza “de-olhos-abertos”, pois “permite ao homem lançar-se para o futuro, buscando o não existente, mas que poderá existir, dependendo de seu engajamento para que se torne real” (BLOCH, 2005, p.88)

---

<sup>6</sup> Conceito defendido por Ernst Bloch no livro *Princípio Esperança* (2005), no qual esse otimismo militante seria o oposto de um otimismo contemplativo filosófico.



Essa dialética utópica, também conhecida como princípio esperança ou princípio juventude, conforme enunciado por Ernst Bloch irá permear a maioria dos poemas escolhidos para a obra *A Renúncia Impossível*. Das análises postas até aqui foi nos possível apreender que os versos de Agostinho Neto revelam uma realidade que ainda se faz atual, na necessidade de levantar-nos contra os males da humanidade que aprisionam há muitos, enxugando as lágrimas e abrindo-nos os olhos para o futuro que se quer presente.

Uma poesia que nos levam a crer que existe uma utopia, que é impossível renunciar, isso é reiterado em cada página do livro *A Renúncia Impossível*, do escritor angolano Agostinho Neto.

### Referências

- ABDALA, Benjamin. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, (Volume 1), 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- HAMILTON, Russel. Introdução. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (orgs.). **África e Brasil: Letras em Laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.
- NETO, Agostinho. **A renúncia impossível**, Lisboa, IN-CM, 1987.
- \_\_\_\_\_, **Sagrada esperança**, 1ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1974.
- PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.



SANTOS, Edson Flávio. **Cercas malditas**: utopia e rebeldia na obra de Dom Pedro Casaldáliga. Dissertação de Mestrado. Tangará da Serra: UNEMAT/PPGEL, 2011.

TENREIRO, Francisco; ANDRADE, Mário Pinto de (Org.). **Poesia negra de expressão portuguesa**. Vila Nova de Cerveira: Nós somos, 2012.

VERANI, Dalva Maria Calvão. Agostinho Neto: O lugar da poesia em tempo de luta. In:

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (orgs.). **África e Brasil**: Letras em Laços. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As Revoluções Africanas**: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

